

UMA CRÔNICA PRECIOSA SOBRE A ASSEMBLEIA PROVINCIAL

Sérgio da Costa Franco¹

As crônicas jornalísticas ou literárias sobre os parlamentos são em geral respeitosas, polidas, quando não comprometidas pelo partidarismo ou pelas inclinações pessoais do cronista, que ora podem levá-lo aos elogios de encomenda, ora às análises subjetivas e às críticas injustas. Por isso, a par de seu evidente interesse histórico, nos causou agradável surpresa a crônica que descobrimos num CD-Rom, editado pelo IHGRGS, com a coleção do jornal rio-grandino “O Noticiador”, em data de 11jun. 1835, quase às vésperas da Revolução Farroupilha.

Desculpem-nos os eventuais leitores, se ao invés da imprensa do século 21, nos encantamos mais com a do 19. Um cronista parlamentar de hoje poderá dizer se mudaram muito as coisas de 1835 para 2017. Tenho a impressão que não. Em todas as assembleias, equilibram-se os tolos e os espertos, os inteligentes e os burros, os capazes de liderar e os que se contentam em ser rebocados. A boa novidade, neste relato de um provável colega de representação, é que as figuras históricas, antes apenas nomes e lendas, passam a ser de carne e osso. A “carta de Porto Alegre, escrita a uma pessoa desta Vila”, tudo indica que seja da autoria de Francisco Xavier Ferreira, o rio-grandino Chico da Botica, que, além de deputado, era dono e redator do jornal, e por isso apenas submetido à autocensura. Dos representantes citados, e distinguidos por sua distribuição no plenário – à esquerda, ao centro, ao lado direito e junto à mesa -, é dos poucos que a carta não fala, indício fortíssimo de ser ele o autor do texto, embora hoje estivesse sujeito a uma acusação de “quebra do decoro parlamentar”...

O primeiro colega em que ele dá uma ripada é em Joaquim Vieira da Cunha, de quem dizia que, embora “tão elogiado por Bento Gonçalves, somente se tem unido aos deputados da esquerda, quando se trata dos negócios da Fronteira, em que ele quer salvar sua honra.” Logo em seguida dá um elogio ao Dr. Francisco de Sá e Brito, anulando-o incontinenti, ao dizer: “porém, coitado! é fraquinho.” Tratava-se de um bacharel, com trânsito por Coimbra e São Paulo, onde se diploma em 1832. Porém não convencia o ilustrado Xavier Ferreira.

O melhor elogio quem recebe é o Dr. Rodrigo de Souza Pontes. Dele

¹ Bacharel em Direito e graduado em História e Geografia pela UFRGS, fez carreira no Ministério Público e aposentou-se como procurador de justiça. Membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

diz o cronista: “o melhor orador que tem a Assembleia Provincial é o Dr. Pontes: o dom da palavra, lógica e método ninguém lhe pode negar; porém medroso, só fala quando lhe faz conta.” O baiano ilustre, bacharel por Coimbra, ex-ouvidor de Porto Alegre, que faria brilhante carreira na administração e na diplomacia, durante o 2º Império, não punha conversa fora.

Seguindo na classificação dos oradores, escreveu: “Depois dele dou primazia a José de Paiva (o nome completa-se com Magalhães Calvet), em terceiro lugar a Pedro Chaves, e em quarto a Vieira da Cunha (Joaquim).” A objetividade pretendida pelo jornalista farroupilha manifesta-se no destaque dado a Pedro Chaves, que era o adversário número 1 de sua bancada.

A seguir escreveu: “Não se segue por isto que os deputados do centro tenham a sua causa mais bem defendida, pois na esquerda todos falam, e no centro são só estes: Manoel Felizardo (de Souza e Melo) e Dias de Castro (noutros tópicos apenas referido como João Dias); mas estes homens já conhecem o pequeno número de oradores, usam da tática seguinte e já sabida. Seja qual for a proposta de um deputado da esquerda, isso só é motivo para ser debatida. Dos três, a saber, João Dias, Pedro Chaves e Manoel Felizardo, levanta-se um e combate; segue-se que da esquerda todos se levantam a contrariar, quando todos pensamos que o negócio está discutido, é quando o Sr. João Dias pede a palavra para dizer o mesmo que disse um dos outros, e com voz efeminada nos costuma impingir mais ou menos as mesmas proposições seguintes: “A Constituição não quer que nós *fazemos* isto; o Regulamento não permite que nós *abrimos* esta porta aos abusos. O direito natural não quer que nós *fingimos* uma coisa e sejamos outra, etc., etc.”

Não escapavam sequer ao cronista, as incorreções gramaticais do jovem deputado que viria a ser líder conservador, recém egresso então da Faculdade de Direito de São Paulo.

Mas não só àqueles colegas se referia o cronista de Rio Grande. Há um Rodrigo (que deve ser o mineiro Rodrigo José de Figueiredo Moreira) que lhe mereceu severa crítica: “o Rodrigo tem estado muito ruim; quem quiser entremez de graça, vá nas galerias ouvir falar o Rodrigo. Gonçalves Chaves tem nos entretido com suas secas (designação arcaica de *conversa*, *bate-papo*); e Almeida (Domingos José de Almeida) em poucas palavras costuma dizer o que sente”.

É divertida a referência que faz ao Padre Tomé (Tomé Luiz de Souza), que já era sexagenário em 1835: “O Pe. Tomé não conversa, não cospe, não escarra, não tosse, não espirra, não entra nem sai como os outros, nem fala: mas sempre prontinho a votar com os farroupilhas”. De outro padre, o Fidêncio José Ortiz, só diz: “Pe. Fidêncio ainda não disse ao que

veio; mas o seu voto é com os do centro”. – “Pinto do Rego pouco tem falado; mas nunca fala que não dê a entender que não leu o Regimento; vota com os do centro, e quando fala aplica o seu texto latino.” Rodrigo (de novo o Figueiredo Moreira) “fala em todas as matérias tantas vezes quantas lhe permite o Regimento, levanta-se para falar em língua de preto, e para fazer rir as galerias”. “Maya (havia dois Mayas na Assembleia, Antônio Joaquim e Vicente José, o que nos deixa em dúvida invencível) rezinga com todos, seja de que lado forem”.

Em outro tópico, o cronista permite concluir sobre a formação de uma bancada partidária: “João Braga (deve ser João Francisco Vieira Braga), Cabral (presumivelmente Américo Cabral de Melo), Felizardo (Manoel Felizardo de Souza e Melo), Pedro Chaves, Dias de Castro, Cunha (Joaquim Vieira da Cunha) e Mascarenhas (Dr. João Batista de Figueiredo Mascarenhas), votam unanimemente. Pontes, quando o negócio é leve, também os acompanha; mas quando é grave, sempre tem que fazer fora de casa; Gabriel (presumivelmente Gabriel Martins Bastos) é quase o mesmo. Olivério (Ortiz) pouco tem assistido às sessões. Todos mais da esquerda e os dois da Mesa são unânimes. Eis o que por ora lhe posso em resumo dizer da nossa Assembleia. Logo que possa eu continuarei a enviar-lhe notícias que os periódicos não podem transcrever.

É sempre difícil, na análise de uma assembleia numerosa, definir as diversas tendências partidárias. Mesmo os que se detiveram na história da Revolução Farroupilha, não conseguiram fazê-lo com segurança em relação a essa legislatura de 1835. O relato de “O Noticioso”, sem esclarecer tudo, ajuda a definir as diversas tendências da Casa, quando define a posição das bancadas. A “lista dos deputados do lado esquerdo” inclui Almeida (Domingos José), Gonçalves Chaves, Xavier Ferreira (o próprio cronista), Padre Chagas, Bento Gonçalves, Mattos (José Mariano), Gabriel (Martins Bastos), Olivério Ortiz, Calvet (José de Paiva Magalhães Calvet)”

Do Centro eram Mascarenhas, Vieira da Cunha, Dias de Castro, Pedro Chaves, Manoel Felizardo, Pontes (dr. Rodrigo José), Américo Cabral, Maya (?) João Braga (Vieira Braga).

Do “Lado direito” eram José Maria Rodrigues, Rodrigo (o Figueiredo Moreira), Pinto do Rego, Padre Fidêncio e Padre Tomé. Junto à Mesa oficiavam o Presidente, dr. Marciano Ribeiro, e o secretário Francisco de Sá e Brito.

O NOTICIADOR.

RIO GRANDE DO SUL, 1855. SEGUNDA FEIRA 11 DE JUNHO N. 365.

de um do povo, contra Domingos Ferreira Ribeiro; foi absolvido pelo Jury de Sentença.

— Item por uso de arma contra o cão João Martins de Almeida; foi absolvido pelo Jury de Sentença.

— Item por furto contra Leandro José d'Oliveira; foi condemnado pelo Jury de Sentença em 30 meses e 5 dias de prisão, e na multa de duas e meio por cento do valor furtado.

— Item por tentativa de furto contra José Barquera; foi condemnado pelo Jury de Sentença em 40 meses e 10 dias de prisão, e na multa de oito e duas sextas partes por cento do valor que tentou furtar.

— Item por resistência a patrulha da Guarda Nacional, contra Francisco Ricardo; foi condemnado pelo Jury de Sentença em 7 meses de prisão.

— Item por furto contra Manoel Aquino; foi julgada presente, por perigo da parte, e o réu absolvido.

Está conforme.

O Tabelião que serviu de Escrivão do Jury. — José Pereira Tavares.

De uma Carta de Porto Alegre, escripta a uma pessoa desta Villa extratamos o seguinte:

...Sobre a Assembléa Provincial meu amigo estará informado pelos Periodicos; estes tem transcripto o mais interessante: ou porem direi alguma cousa mais. Temos um proverbio provinciano muito rasteiro = é indio, bebe cachaca = eu não posso applicar outro agora mais a propósito, e inverterei = é liborio, é patife = eu me explico esse Vieira da Cunha tão elogiado pelo Bento Gonçalves, somente se tem unido aos Deputados da esquerda, quando se trata dos negocios da Fronteira, em que elle quer salvar sua honra: e creio que por morar com José Maria Rodrigues, este tambem algumas vezes. O unico que se tem sabido sustentar é Sá e Brito; porem coitado! é fraquinho. O melhor Orador que tem a Assembléa Provincial é o Dr. Pontes: o dom da palavra, logica, e methodo ninguém lhe po-

de negar; porem medroso, só falla quando lhe faz conta. Depois d'elle dou primasia a José de Paiva, em terceiro lugar a Pedro Chaves, e em quarto a Vieira da Cunha: não se segue por isto que os Deputados do centro tenham a sua causa mais bem defendida, pois na esquerda todos fallão, e no centro são só estes, Manoel Felisardo, e Dias de Castro: mas estes homens, que já conhecem o pequeno numero de Oradores, usão da tactica seguinte, e já sabida = Seja qual fora proposta de um Deputado da esquerda, is: o só é motivo sufficiente para ser debatida: = dos trez, a saber João Dias, Pedro Chaves, e Manoel Felisardo, levanta-se um, e combate; segue-se que da esquerda todos se levantão a contrariar. quando todos pensamos que o negocio está discutido, é quando o Sr. João Dias pede a palavra para diser o mesmo que dice um dos outros, e com voz fleminada nos costuma impugnar mais ou menos as proposições seguintes = A Constituição não quer que nós fusesmos isto: O Regulamento não permite que nós abrimos esta porta aos abusos. O direito natural não quer que nós fingimos uma cousa e sejamos outra etc. etc. etc. e assim estes trez homens de mãos dadas entretem os negocios uma Sessão inteira; donde se segue, que este anno, senão houver prorrogação nada se decidirá; e para tudo diser: inda não nomearão os 6 Vice Presidentes; não fizeão inda o novo Regimento; nem se Lei do Orçamento os trez primeiros obli-

garam a sua attribuição. Sobre os trez empalhadores de que acima fallei, é preciso notar que João Dias (como todo!) é sempre o segundo a fallar e um dos outros dous o primeiro. Rodrigo tem estado muito ruim; quem quizer entremez de graça, vá nas galerias ouvir fallar o Rodrigo; Gonçalves Chaves tem nos intratido com suas secas; e Almeida em poucas palavras costuma diser o que sente. e da maneira que vai indo, não ha de morrer de tuberculo. João Braga nem apoiado sabe diser, e P. Fidencio idem.

Lista dos Deputados do lado esquerdo.

Almeida

Gonçalves Chaves.
Xavier Ferreira.
Pedro Chagas
Bento Gonçalves
Mattos
Gabriel
Oliverio Ortiz
Calvet

Do Centro.

Mascarenhas
Vieira da Cunha
Dias de Castro
Pedro Chaves
Manoel Felisardo
Pontes
Americo Cabral
Maia
João Braga

Lado direito.

Maria Rodrigues
Rodrigo
Pinto do Rego
Fidencio
Thomé

Junto á Mesa.

Marciano Presidente
Sá e Brito Secretário.

P. Thomé não conversa, não cospe, não escarra, não tosse, não espirra, não entra nem sahe como os outros, nem falla: quasi sempre prontinho a votar com os farrões, votas.

P. Fidencio ainda não dice ao que veio: mas o seu voto é com os do centro.

Pinto do Rego pouco tem fallado; mas nunca falla, que não dê a entender que não leu o Regimento: vota com os do centro, e quando falla, applica o seu texto Istino.

Rodrigo falla em todas as materias tantas veses, quantas lhe permite o Regimento, levanta-se para fallar em lingua de preto, e para faser rir as galerias.

Maia resinga com todos sejaõ de que lado forem.

João Braga, Cabral, Felisardo, Pedro Chaves, Dias de Castro, Cunha, e Mascarenhas votão unanimemente.

Pontes quando o negocio é leve, tam bem os acompanha; mas quando é grave, sempre tem que faser fora da casa: Gabriel é quasi o mesmo.

Oliverio pouco tem assistido ás Sessões. Todos os mais da esquerda, e os dois da Mesa são unanimes.

! Eis o que por ora lhe posso resumo diser da nossa Assembléa. Logo que possa eu continuarei a enviar-lhe noticias que os Periodicos não podem transcrever.

PERNAMBUCO.

Notas sems de certo forte representadas no ainda sang'uido theatro do Pará; de novo genios a natureza oprimid; e de novo a humanidade calcada exaltou magnados e dolorosas aspirações; triste condição humana! tristíssimas fadas do infeliz Pará!!!

Monstros do mundo, pactos das fúrias infernaes, desaparecei d'entre os viventes, dai trepous a humanidade, aliviai a natureza, fugi da nossa vista, e deixai nos gozar em paz do curto espaço que medeia entre nossa apacião ao mundo, e nosso derradeiro vicio. Mas não passa isto de mero desejo, e, parece que a Presidencia conserva lous os olhos para com ellas punir a corrupção dos homens.

Malcher, esse indomito lica, esse flagelo do Pará, pagou com a vida os seus crimes attentados; Vinagre, seu comparsa, em alguns dias, e ultimamente seu successor, ainda existe, para vergonha do Brasil, e opprobrio dos Paranaes.

Já em a nossa falta, de hontem, transcrevemos o officio do (Capitão General) Vinagre; seu bando e folla dirigida aos Paranaes, por onde muito bem podem escolher nossos Leitores do quanto se passa n'aquella Provincia, em o dia 15, 20, e 21 de Fevereiro; porém não nos podemos dispensar de dizer, que esse monstro requinta de dia em dia nos maldadez. A' frente de assassinos, em o dia 7 de Janeiro, derrubou os legitimos Presidentes, e Comandante das Armas, e lhes dá a morte,